



GUIA  
CHARIFKER

DESENHOS

SALA GOELDI

RUA PRUDENTE DE MORAIS.  
129 - RIO DE JANEIRO

8 A 18 SETEMBRO 1970

instituto de arte contemporânea

## SONHANTE. SONHAGEM. SONHADIA

Há um limite? Disponho a realidade aqui e o sonho como um oposto, espécie de avesso? Determino margens, com um fio escoando ao centro? Ou interligo tudo numa mesma roda de energia maquinando o mundo? Interligo, indetermino e indelimito: nessa haste de existir não há fim para o real, não há fim para o estar em sonho. Viajando por um país de Alice, instante a instante, vamos como bar o sôbre e sub marino, prometeus ou sísifos ou ulisses, ou todos em um só. Espratamos assim o ácido contra a anestesia do cotidiano, que é, ao mesmo tempo, o único anti-real e o único anti-sonho, ferrugem abafando a pulsação contida em coisas mínimas, o relógio aceso no inverno de cada quase-nada, a cadência tênsl dêsse sôpro em que, mansamente espantados, mergulhamos. Todo o mundo é essa realidade em símbolo, transformável sucessivamente em nôvo impulso de simbolizar. Nossa atmosfera placentosa, camadas de significado. Significância.

Como chegar, então, ao mais sonho senão pelo próprio sonho intacto e sua intransponível linguagem? Mas aqui, Guita guiando, percorro o desenho de antecâmaras, ambivalências abrigando um e outro lado, o sonho transposto em sistemas de dizer as coisas com a seiva de haver sonhado. Percorre-se primeiro a memória próxima, com seus detalhes nítidos do que parece recém-tocado e recém-partido: uma face de olhos fixos, que nos vê e nos vê além de nós; um pássaro/rosto passando, asas corroídas como um papel ao tempo; a sela sôbre cavalo que parte, desmontado. Guita estabelece, nesse estágio, minuciosamente, o equilíbrio de um equilibrista perfurando o espaço, tensa ponte inconsútil para a frente e para o alto. Mas no seu desenho a ponte é também mergulho: tateio agora um subterrâneo de animais incendiados ou de fantasmagórica precisão entomológica, gafanhotos sôbre potros sôbre cabras sôbre peixes. Bois, borboletas se volatilizando, rãs, serpentes, tartarugas dúbias, conchas de caramujos ausentes: progressão para uma zona de mar primevo, raros vegetais, limos de verde, lamas de iôdo. E os pássaros, e os sempre pássaros, pombas-águias de agreste exatidão, abrindo a iminência de vôo, incorporando o humano, fascinantes e ameaçadoras formas fotografadas do cotidiano. Um pássaro respirando o sonho, veículo dêle mesmo.

Mas não o vôo blakeano de como sonhar com coisas impossíveis, nem a insistência em pássaros que, pela voz de Eliot, denunciam a fragilidade do homem em suportar tanta realidade. Guita sobretudo se sonha, como alguém que buscasse sua sede, seu ponto de saciar a sêde. Segue e sigo por transparências que ardem no simples, na tranqüila imersão em realidade de sonho, luzes nítidas de manhã ou de tarde findando, cinza de sombra, manchas de mobilidade en're cada estágio do mergulho, amarras suaves do que se compreende com o incompreensível. Chego assim ao seu desenho: um real em sonhamento.

ROBERTO PONTUAL



1936 / nasce no Recife. 1953 / começa a estudar desenho e escultura na Sociedade de Arte Moderna do Recife, sob a orientação de Abelardo da Hora. 1954 / participa pela primeira vez de uma mostra coletiva, o XIII Salão de Pintura do Museu do Estado de Pernambuco. 1962 / realiza sua primeira exposição individual, na Galeria de Arte do Recife, onde volta a expor no ano seguinte. 1964 / juntamente com Adão Pinheiro, João Câmara Filho, Roberto Amorim, José Barbosa, José Tavares, Ipiranga Filho e Tiago, funda o Atelier e Galeria da Ribeira, em Olinda, onde leciona desenho. Com o mesmo grupo funda a Oficina 154, ainda em Olinda. 1965 / nova exposição individual, no Atelier de Arte Sacra, no Recife. Figura no I Salão Esso de Artistas Jovens (Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro). 1966 / tem trabalhos incluídos na I Bienal Nacional de Artes Plásticas, em Salvador. 1968 / participa da II Bienal Nacional de Artes Plásticas e da II Exposição Jovem Arte Contemporânea (Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, Museu de Arte do Rio Grande do Sul e Museu de Arte Moderna de Florianópolis). Realiza figurinos para a peça Andorra (Teatro Popular do Nordeste) e objetos de cena para a montagem de O Melhor Juiz (Teatro Popular do Nordeste). 1970 / recebe prêmio de aquisição no XIX Salão Nacional de Arte Moderna (Rio de Janeiro) e figura na mostra 7 Artistas do Recife, na Galeria Detalhe (Recife).

GUIITA  
CHARIFKER

DESENHOS

SALA GOELDI

RUA PRUDENTE DE MORAIS,  
129 - RIO DE JANEIRO

8 A 18 SETEMBRO 1970

instituto de arte contemporânea

LAYOUT: PAULO ROBERTO LEAL / VOZES IMPRIMIU